



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA ANÁLIA DIAS PINHEIRO

LEITURA:

**A LEITURA COMO CONSTRUTORA DE
UM LEITOR CRÍTICO E CONSCIENTE**

CAJAZEIRAS - PB

2009

MARIA ANÁLIA DIAS PINHEIRO

LEITURA:

**A LEITURA COMO CONSTRUTORA DE
UM LEITOR CRÍTICO E CONSCIENTE**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia
do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



P6541 Pinheiro, Maria Anália Dias.
Leitura: a leitura como construtora de um leitor crítico e consciente / Maria Anália Dias Pinheiro. - Cajazeiras, 2009.
40f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Livro didático. 4. Sala de aula- trabalho de leitura. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

Leitura: a leitura como construtora de um leitor crítico e consciente

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Cajazeiras – PB

2009.

DEDICATÓRIA

**A minha família pelo apoio,
pela compreensão e o estímulo
em todos os momentos.**

AGRADECIMENTOS

O agradecimento é feito tanto às pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente como por exemplo amigos e irmãos, a família em especial, quanto a instituição ou pessoas envolvidas no processo de realização da monografia.

"Ler é sonhar pela mão de outrem. Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz. A superficialidade na erudição é o melhor modo de ler bem e ser profundo."

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho visa analisar o processo de leitura; buscando subsídios para a formação de leitores capazes de criar seu próprio significado, de reconstruir seus pensamentos através de suas experiências pessoais. Escolhemos o livro didático como objeto de investigação do trabalho de leitura dentro da sala de aula, pois acreditamos que ele é um dos principais motivos da má formação dos leitores, uma vez que os exercícios geralmente são de reprodução restringindo assim a capacidade de análise e reflexão, limitando muitas vezes o aluno. Intencionamos, também, ressaltar a importância da leitura em diferentes situações de interação.

Palavras-chave: Leitura, Formação de leitores, Livro-didático.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPITULO I

Leitura; a importância do ato de ler; tipos de leitura.....11

CAPITULO II

Concepções sobre o texto.....17

CAPÍTULO III

Análise dos dados.....28

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....38

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....40

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por título e aborda o tema “ leitura como construtora de um leitor crítico e consciente e tem por objetivo à formação de um leitor crítico, consciente e capaz de criar seu próprio significado e, também, que possua autonomia para criar e recriar o seu pensamento, pois, a leitura é o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de interação, compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem.

Para tal, existem características fundamentais no processo de leitura: a capacidade que o leitor tem de avaliar, de monitorar a qualidade da compreensão do que está lendo. Dito isto, verificaremos se o leitor recebe subsídios adequados para se tornar um bom leitor, ou seja, aquele que é capaz de adequar os dois tipos de processamentos, isto é, confrontar os dados do texto percorrendo as marcas deixadas pelo autor, com os conhecimentos prévios socialmente adquiridos, de modo a construir o sentido do texto através da interação texto x leitor x autor. Nesta visão interacionista, diferente da visão estruturalista em que o leitor somente percorre o texto na busca das respostas, o leitor passa a ser visto como um sujeito ativo porque cabe a ele não só a tarefa de descobrir “o significado” do texto, mas de inferir sentidos a partir de sua interação com o texto.

Desse modo, iremos observar como são abordados os tipos de leitura no livro didático, pois o silenciamento de sentido está ligado a uma leitura presa que limita a reflexão do aluno na construção de sua própria interpretação. Neste contexto, o leitor é submetido a responder questionários com base em respostas “fechadas”, direcionando, desse modo, as respostas, incapacitando-o desenvolver sua própria reflexão, sua construção de seu significado, ou seja, limitando-o.

Objetivamos, com esse estudo, encontrar o motivo pelo qual os indivíduos leitores não atingem a excelência na interpretação de textos, conseqüência de falhas na aquisição do significado. Uma leitura tem que ser uma espécie de trabalho de busca por informações, conhecimentos e interesses em comum; não uma simples decodificação de códigos.

A partir daí, focalizaremos a maneira como a leitura deve ser trabalhada a fim de formamos leitores com capacidades autônomas, de se guiarem, no processo de leitura.

Para tanto o trabalho segue da seguinte maneira: no primeiro capítulo será apresentado a leitura, a importância do ato de ler e os tipos de leitura. No segundo capítulo trataremos sobre as Concepções sobre o texto. O terceiro capítulo trará do processo de leitura. No quinto capítulo será apresentada a Análise dos dados, logo em seguida serão apresentadas as considerações finais, depois o referencial bibliográfico.

CAPITULO I

1. LEITURA

Durante muitos anos acreditou-se, ou foi pregado, que entre as massas (escolas e população) que a leitura se baseava, apenas, na decodificação de códigos. Hoje, percebemos ou, até mesmo, somos questionados por muitos estudiosos sobre a existência de diversos parâmetros para a leitura. Para tal, veremos o que os parâmetros curriculares nacionais[1] adota como prática de leitura dentro da sala de aula. Ou seja, não uma simples decodificação de códigos, e sim uma junção de todos os elementos necessários para a leitura e interpretação do texto em si.

Então, a partir do que foi dito no início deste ensaio, iremos ver que o PCN de Língua Portuguesa, diz a respeito da leitura:

“É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler”. (PCN de Língua Portuguesa, 1996, p.16).

Além das condições descritas acima, são necessárias propostas didáticas orientadas especificamente no sentido de formar leitores. Por isso, sempre devemos nos atentar em “possíveis” soluções para o ensino, incluindo, a leitura. Seguindo, este conceito de leitura, também, adotado pelo PCN o qual deve ser aplicado dentro da aula de língua portuguesa. Veja, no mesmo, algumas sugestões para o trabalho com os alunos que podem servir de referência para a geração de outras propostas. Kock (2003) ainda acrescenta que é preciso planejar aulas de leituras que atendam os requisitos necessários para propiciar ao aluno oportunidades de vivenciar sua própria construção.

A seguir, alguns exemplos, de leitura que podem ser inseridas dentro da sala de aula as quais foram formuladas e constam dentro do PCN de Língua Portuguesa, para aplicação nas aulas de língua portuguesa. Leitura diária, onde ele diz que: “O trabalho com leitura deve ser diário”.

Assim de acordo com os PCNs de Língua Portuguesa observa-se que:

"A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas lingüísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos". (PCN de Língua Portuguesa, 1996.)

Por isso, a necessidade de projetos de práticas de leitura que podem ser utilizados em sala. Entretanto, devemos estar atentos para adequações necessárias, tanto no que diz respeito ao público, quanto ao rendimento da proposta. Assim, evitaremos que metodologias não sejam desconectadas com o projeto de leitura.

1.2 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

Um dos maiores especialistas em leitura, dedicado a educação e a formação de novos leitores Paulo Freire (2005) discute, em "A Importância do Ato de Ler": três artigos que se completam, a importância da formação de novos leitores que sejam criadores e autônomos de suas interpretações e capazes de se guiarem através do seu interesse. Contrariando, a utopia de que leitura era uma simples decodificação de códigos e repetição de fonemas.

Em outras palavras, a leitura deve ser feita de forma concreta, ou seja, tenha significado com o real do leitor que deixará de ser objeto da leitura para se tornar o sujeito ativo na construção do significado, seja ele, de caráter explícito ou não. Para isso, devemos aprender a ler de maneira eficiente para que ambos os leitores/textos/autores se interliguem em leituras concretas.

Uma leitura concreta, por sua vez, tende a ser uma análise crítica e interpretativa do ato de ler, compreensão esta, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na previsão do que se está lendo. Haja vista, como disse Freire (2005, p.11) "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele".

Por isso, nossos educadores exercem papel primordial na formação de novos leitores. Leitores estes que são capacitados cada um em sua escala de experiências

próprias e únicas. Um ser dominador de uma linguagem oral, praticada com destreza. Pois, cada indivíduo apropria-se de características que os diferenciam um do outro.

Sendo assim, ao depararmos com leitores preocupados com ato de ler, veremos que estes são re-criadores de sua leitura, criadores ou participantes ativos na construção do significado que não poderá ser fixo e pré-determinado.

1.3 TIPOS DE LEITURA

A LEITURA COMO DECODIFICAÇÃO

Nos dias atuais é muito comum ver e ouvir relatos de que as crianças (que posteriormente serão nossos adultos) em sua maioria fazem uma leitura voltada apenas para a decodificação das palavras sem a menor preocupação com o seu significado ou sua representação, por exemplo, se num texto o autor faz referência apenas a um propósito, somente este será levado em consideração.

Tal concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. Uma atividade que se compõe de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. Isto é, para responder a uma pergunta sobre alguma informação do texto, o leitor só precisa o passar do olho pelo texto à procura de trechos que repitam o material já decodificado da pergunta.

Por isso afirmamos que se trata de uma tarefa de mapeamento entre a informação gráfica da pergunta e sua forma repetida no texto. Essa atividade passa por leitura, quando a verificação da compreensão, também chamada, no livro didático, de "interpretação", exige apenas que o aluno responda a perguntas sobre informação que está expressa no texto.

1.4 A LEITURA COMO AVALIAÇÃO

Esse é outro tipo de prática que inibe, ao invés de promover, a formação de leitores. Nas primeiras séries caracteriza-se essa prática por tal preocupação de aferimento de capacidades de leitura, que a aula se reduz quase que exclusivamente à leitura em voz alta. A prática é justificada porque permitiriam ao professor “perceber se o aluno está entendendo ou não”, apesar de sabermos que é mais fácil perder o fio da estória quando estamos prestando atenção à forma, à pronúncia, à pontuação, aspectos que devem ser atendidos quando estamos lendo em voz alta.

Para Luzia de Maria (2002, p.21) “Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso ao escrito, é construir uma resposta que entrelace informações novas àquelas que já se possuía”. A oralização é apenas um aspecto da leitura e nem mesmo podemos afirmar que a criança, de fato leu o texto, apenas por ter pronunciado as palavras que o constituem. É a atribuição de sentido a uma mensagem escrita que se pode considerar leitura. E atribuir significado ao escrito tem a ver, também, com a informação de mundo que possuímos.

Sendo assim, alguns critérios na leitura como avaliação serve apenas para dispersar o aluno e catalogá-la como uma prática avaliatória. Com isso, indutivamente o leitor desestimula-se. Ou seja, valeria muito mais a pena que se promovessem uma aula de leitura em que o aluno/leitor pudesse avançar. Um avanço onde sua interpretação, sua criticidade lhe diga; traga lhe sentido.

1.5 LETRAMENTO

Antes de iniciarmos, abaixo, seguirá um comentário, uma definição a respeito do assunto: Conforme definição de Soares (1999), Letramento é:

“Estado ou condição de quem não só saber ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral..” (grifos da autora) (SOARES, 1999, p.3)

Ainda segundo esta autora, neste conceito está implícita:

“...a idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.” (SOARES, 1998, p.17)

A partir desta apresentação, percebemos que existe uma correlação entre: práticas sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas... entre outras. O indivíduo, interacionista, exerce papel fundamental na interpretação do seu texto, pois através da sua leitura que ele saberá se o que está escrito terá significado. Ou seja, não adianta escrevermos, por exemplo, um texto técnico que fala sobre medicina e querer que um retirante (que cursou apenas até a 4° série) encontre algum significado, por exemplo. Para que esta leitura tenha resultado satisfatório é importante que o que foi redigido faça parte do seu meio ou tenha alguma relação com a sua experiência de vida.

Se formos mais além e pesquisarmos em dicionários veremos que nos dicionários modernos não existe o vocábulo Letramento. Só um dicionário do século XX, Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, na sua 3° edição brasileira, contém tal palavra. Este tema é discutido por muitos pesquisadores da área de humanas, incluindo, pessoas ligadas ao ramo de ciências lingüísticas.

Continuando a pesquisa sobre estes conceitos vamos, um pouco, mais longe. Veremos as diferenças entre analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização, alfabetizado e, mesmo, letrado e iletrado.

Analfabetismo define o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, é o “estado ou condição de analfabeto”, e analfabeto é o “que não sabe ler nem escrever”, ou seja, é que vive no estado ou condição de quem não sabe ler e escrever: a ação de alfabetizar, isto é, segundo o Aurélio, de “ensinar a ler” (e também a escrever, que o dicionário curiosamente omite) é designada por alfabetização, e alfabetizado é “aquele que sabe ler” (e escrever). Já letrado segundo o mesmo dicionário, é aquele “versado em letras, erudito”. E iletrado é “aquele que não tem conhecimentos literários”.

Diante disso, partimos do pressuposto de que Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição da qual adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de se ter apropriado da escrita. Sendo assim, recentemente esse oposto (alfabetismo e letramento) tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever,

Para tal, deveríamos propor, então, um ensino de língua que tenha o objetivo de levar o aluno a adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado, isto é, desenvolver nele um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhe permitam fazer o maior e mais eficiente uso possível das capacidades técnicas de ler e escrever. Porque, de nada adianta, ensinar alguém a ler e escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita. Como escreve Soares (1998): "Nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita". (SOARES, 1998, p.18)

Sendo assim, se tivermos um sujeito interacionista que domina essas habilidades sociais poderemos ter um leitor que saiba identificar significados dentro do texto. Sejam eles implícitos ou não.

A seguir, no capítulo II, veremos como a questão da leitura é desenvolvida dentro do âmbito escolar e social de interação. Entretanto, antes, faremos um levantamento preliminar sobre a composição do texto. A partir daí, daremos situações de leituras feitas e que estão em vigor.

CAPITULO II

2. CONCEPÇÕES SOBRE O TEXTO

O TEXTO COMO CONJUNTO DE ELEMENTOS GRAMATICAIS

O texto como conjunto de elementos gramaticais: uma prática bastante comum no livro didático considera os aspectos estruturais do texto como entidades discretas que têm um significado e função independente do contexto a que se inserem. "Uma versão dessa prática, revelada na leitura gramatical, é aquela em que o professor utiliza o texto para desenvolver uma série de atividades gramaticais, analisando, para isso, a língua enquanto conjunto de classes e funções gramaticais, frases e orações". (Kleiman, 2001, p.17)

Dito isto, os livros didáticos estão cheios de exemplos em que o texto é apenas pretexto para o ensino de regras sintáticas, isto é, para procurar adjetivos, sujeitos ou frases exclamativas.

No entanto, não é o único caminho, pois, com uso do livro didático poderíamos propiciar momentos de interação entre o aluno através da leitura de textos clássicos, contemporâneos ou atuais. Daí a necessidade de buscar meios propícios para a utilização da leitura, levando o leitor/sujeito a encontrar referências com o que lê e sua volta.

Assim, disporemos do livro didático como ferramenta de apoio na formação de leitores capazes de usarem os textos em suas variadas esferas, fazendo uso como meio de comunicação na sociedade em que é inserido. Diferente daquele leitor que vivenciamos que faz uma leitura percorrendo os olhos pelos códigos gráficos sem se atentar pelo sentido ou a construção da interpretação e entendimento do texto.

Partiremos para a observação de como é feita a leitura de um texto na busca unicamente de informações entre suas palavras. Parece-me a meu ver que foi conceituado e difundido entre alguns leitores de que a leitura de texto desifratória basta para a sua interpretação.

Relacionando, então, a essa mesma visão de texto como conjunto de elementos diversificados (seja estrutura gramatical ou palavras) é a crença de que o

pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. À concepção de língua como estrutura, por seu turno, corresponde a de sujeito determinado, assujeitado, pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”. Tudo está entrelaçado língua, sujeito, texto e sentido... (grifos meus). O próprio conceito de texto depende das concepções de língua e sujeito, segundo Koch (2003).

Na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, justamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo.

Na concepção de língua como código – portanto, como mero instrumento de comunicação – e de sujeito como (pré) determinado pelo sistema, o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastante a este, para tanto, o explícito. Também nesta concepção o papel do “decodificador” é essencialmente passivo. Já na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos.

Assim, com o que foi discutido, até agora, podemos, então, afirmar que o sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto - sujeitos (ou texto -co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação.

Para poder se assegurar sobre tais convicções Koch (2003, p.26) traz a definição de texto onde ele afirma ser texto um “evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais”. Trata-se, necessariamente, de um evento dialógico, de interação entre sujeitos sociais - contemporâneos ou não, co-presentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante.

pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. À concepção de língua como estrutura, por seu turno, corresponde a de sujeito determinado, assujeitado, pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”. Tudo está entrelaçado língua, sujeito, texto e sentido... (grifos meus). O próprio conceito de texto depende das concepções de língua e sujeito, segundo Koch (2003).

Na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto – lógico – do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, justamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo.

Na concepção de língua como código – portanto, como mero instrumento de comunicação – e de sujeito como (pré) determinado pelo sistema, o texto é visto como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastante a este, para tanto, o explícito. Também nesta concepção o papel do “decodificador” é essencialmente passivo. Já na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como autores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos.

Assim, com o que foi discutido, até agora, podemos, então, afirmar que o sentido de um texto é, portanto, construído na interação texto - sujeitos (ou texto -co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação.

Para poder se assegurar sobre tais convicções Koch (2003, p.26) traz a definição de texto onde ele afirma ser texto um “evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais”. Trata-se, necessariamente, de um evento dialógico, de interação entre sujeitos sociais - contemporâneos ou não, co-presentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante.

Contudo, fica claro que não se aprende, simplesmente, por exercícios, mas por práticas significativas. Do que adianta, gastarmos dias e dias letivos na intenção de encontrarmos erros na correção de exercícios propostos sem vínculo algum com a realidade do alunado, se não nos atentarmos para resultados em que o sujeito seja dominante dos usos da língua. Portanto, o domínio consciente de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas.

A língua portuguesa utilizada e difundida nas escolas, e entre as classes dominantes, adota como referencial e unicamente, o português padrão. Um português sistemático com normas e regras a serem seguidas e utilizadas freqüentemente. Ou seja, uma língua que não se importa com o falante e suas diversidades. Objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico.

O falante é o único responsável por sua fala, fala esta que é individual. Muitas são as variações do português: regionais, sociais, culturais, históricas, idade etc. Sendo assim, temos uma língua que varia em dimensões orais e escritas. A língua é uma produção social, porque ela é produzida socialmente. Sua produção e reprodução são fatos do cotidiano. Dentro de um espaço e tempo. Uma língua que varia de acordo com o grupo social, com seu poder aquisitivo, com seu capital cultural etc. Portanto, não podemos defini-la como um bem em comum entre todos os falantes. Mas, sim algo variável.

A partir das concepções que foram discutidas até aqui sobre texto, língua, sujeito e sentido. Foi escolhido o texto literário por sua complexidade, por sua imensidão de informações e interpretações para exemplificarmos a concepção de sentido. A partir dele, aprofundaremos a questão do sentido e quais são os tipos de texto composto de literariedade. Além de uma análise sobre como o texto literário é trabalhado dentro da sala de aula.

Uma pesquisadora em sua mais recente obra publicada faz há discussão sobre os tipos de texto e quais são compostos de literariedade e valor estético. Márcia Abreu (2006) publicou o livro "Cultura Letrada: Literatura e Leitura". Partiremos, então, da discussão entre critérios de avaliação de um texto. O que pode ser considerado de excelência estética e qual o seu valor literário. Ou seja, ao

fazer uma sugestão de leitura damos referências sobre determinado autor, período histórico, características utilizadas. Assim temos a leitura dentro de um âmbito formado. Algo pré-formado e instituído por alguém ou uma instituição, por exemplo.

Um leitor mediano não faz o mesmo tipo de leitura de uma obra dita como clássica; como faz a leitura de um texto feito por um colega de sala. Diante disso, observamos que existem parâmetros estéticos e conceituais sobre determinado autor e obra. Sendo assim, vimos que existem poderes elitizadores que nomeiam e elegem obras sendo as únicas portadoras de valores estéticos e referências de literariedade. Por isso, muitos são induzidos a ler, somente, aquilo que é dito como erudito.

Por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar alguns textos, escritos por alguns autores do conjunto de textos em circulação. Muitos são os fatores utilizados para os critérios de seleção e adoção de um livro para torná-lo literário. Entra em cena a difícil questão do valor, no século XIX, diversos autores que hoje são tidos como referências de literariedade não tinham espaço para a publicação de suas obras porque eram tachados como inferiores.

Uma obra para ser considerada Grande Literatura ela precisa ser declarada literária pelas chamadas "instâncias de legitimação". Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, etc. Então, Márcia Abreu (2006) nos leva a reflexão de que um padrão de literatura não pode ser universal. Precisamos dar importância ao fator histórico e cultural daquele indivíduo, suas referências pessoais, seus gostos. Um ser (leitor) com a oportunidade de escolher e eleger algo como literatura.

Portanto, a leitura tende a ser algo subjetivo (particular), a qualidade estética não está no texto, mas nos olhos de quem lê. Um espaço aberto para criações e recriações. Diferente daquelas leituras em que se busca, apenas, uma linguagem estruturada. A maneira como foi estruturada a linguagem do texto não elimina o seu significado, pois não deixa de ser um recurso empregado.

Variadas são as definições sobre o que é Literatura, mas não existe uma conclusão. O que se tem são parâmetros adotados os quais fazem com que surjam critérios do que pode ser adotado em uma aula de literatura, por exemplo. No Mini-Dicionário de Língua Portuguesa, Houaiss. O termo literatura segue assim: s.f. 1 arte da utilização estética da linguagem, especialmente a escrita. 2 conjuntos de obras literárias pertencentes a um país, época etc. Márcia Abreu (2006) traz no seu livro, também, uma das possíveis definições de literatura, vamos conferir:

"Uma das definições freqüentes de Literatura (lembra do L maiúsculo?) afirma que ela é um meio de aprimoramento das pessoas. Para quem adota esse ponto de vista, a literatura nos transforma em pessoas melhores, pois ao ler ficamos sabendo como é estar na pele de gente que leva uma vida muito diferente da nossa, passando por situações inusitadas. (...)" (ABREU, 2006, p.81)

A partir desta "possível" definição cria-se um modelo escrito, composto de linguagem e recursos que devem, sempre, formar uma obra literária para catalogá-la como erudita. Porém, ao confrontarmos estes critérios com um leitor de cordel, de Best Sellers, por exemplo, perceberemos que esses moldes pré-determinados nada têm em comum com estes leitores. A leitura de um clássico deve ser difundida não ou, exclusivamente, transferida de acordo com seus critérios de literariedade. Assim, o que, aparentemente, não tem recurso lingüístico rebuscado não deveria ser nomeado de inferior.

Como é abordada a leitura entre as grandes massas e quais critérios os diferem um do outro. Conforme Abreu (2006) a avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, faz que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias as peças teatrais, os filmes. Ou seja, o gosto estético pode ser compartilhado, mas não transferido. Muitos, entretanto, tomam algumas produções e algumas formas de lidar com elas como as únicas válidas.

Criando o fechamento das leituras, considerando únicas às análises feitas sobre aquela determinada obra. Por sua vez, não dão à possibilidade de se levantar outras hipóteses. Quem pensa assim não conhece os diversos tipos de textos existentes e utilizados por grupos distintos. A própria autora, faz uma comparação entre uma leitura de cordel, feita por um leitor que a vê como possuidora de literariedade, e aquele, que a não vê.

A leitura de um cordel feita por um leitor inserido dentro de uma cultura específica que a valoriza, que a tem como mantenedora dos recursos tipológicos necessários para a construção de significado. Não tem o mesmo valor literário para o leitor que difere a leitura de textos comuns com os quais classificados e nomeados pelas "instâncias de legitimação". Pois este segundo, já, tem pré-formação do que seja ou deve ser lido com literariedade. Contudo, vimos que existem parâmetros sócio-culturais, os quais diferem o sentido de uma obra lida, seja ela classificada como literária; seja ela tachada como cultura popular. Assim, a apreciação estética não é universal: ela depende da inserção cultural dos sujeitos. Uma obra é lida, avaliada e investida de significações variadas por diferentes grupos culturais. Outra coisa que não podemos nos esquecer que além da idéia sobre o valor que a leitura tem nos dias atuais, também, houve alterações nos tipos de leitores (público feminino e de baixa renda) e na forma como o livro ou texto é publicado.

Concluindo, não podemos fixar graus e valores, mas sim dar oportunidade à apreciação particular, por exemplo. Assim, a leitura de uma obra literária não será fixada, pois cada leitura será diferente quando se tratar de leitores diferentes.

Nos dias atuais existem diversos livros e pesquisas que fazem uso do pragmático livro didático. Uma maneira de quebrar crenças e revelar suas verdadeiras conotações seriam a partir desses estudos podemos ver qual segmento faz jus ao verdadeiro uso do livro didático e quais seriam suas verdades absolutas. Os livros didáticos eram tidos como verdades absolutas, imunes às críticas. O Conhecimento, enfim, constituía-se como algo pronto e acabado. O aluno, nesse caso, era visto como um ser passivo, receptáculo do conhecimento que lhe era transmitido, já que o ato de ensinar limitava-se à transmissão de informação que deviam ser memorizadas e reproduzidas.

No entanto, muitas destas verdades caíram por terra, pois o livro didático não cumpre em sua totalidade a função da qual foi destinado. Isto ocorre porque não dispomos de uma classe homogênea em conhecimentos e habilidades. Todos nós sabemos que somos participantes de uma sociedade composta por uma diversidade infinita de culturas, crenças e cada um em sua individualidade desenvolve habilidades diferentes e não conjuntas. Além do que não existem pensadores

prontos e acabados, mas sim aprendizes em constantes processos de aprendizagem e interação.

Sendo assim, mesmo que os livros didáticos sejam manuais ou roteiros para o ensino de gêneros textuais dentro da sala de aula o professor/mediador deve estar atento para equiparar o desenvolvimento do aluno/leitor. Porém, nunca deve desacelerar ou acelerar um aluno no seu processo de aprendizagem.

3. PROCESSO DE LEITURA

Vimos nos capítulos iniciais, às concepções de leitura, baseando-se no que dizem os PCNs a respeito do assunto. Depois, fundamentamos a importância de ler através das posições de Paulo Freire (2005). Por fim, discutimos a questão de ser letrado e alfabetizado. A partir dessas teorias, passamos a ver como é realizado o trabalho de leitura do texto literário dentro da sala de aula; com o uso da ferramenta do livro didático.

Lembrando que houve, também, a apresentação do texto escrito, porém foi fundamento as suas esferas, a relação de sentido, texto, sujeito e língua. Dito isto, observamos como é aplicado o ensino de português no ensino básico. Levantado, então, essa perspectiva, escolhemos o texto literário para ser nosso campo de estudo no que se refere à leitura dentro da sala de aula ou fora dela. No entanto, é preciso que seja posto e esclarecido o processo de leitura, em outras palavras, as habilidades que devem ser desenvolvidas antes, durante e depois da leitura a fim de criarmos leitores eficientes.

Desta forma, passaremos a sintetizar esses mecanismos presentes no processo de leitura. Depois de referidos, faremos a análise para verificar se os atuais instrumentos de apoio utilizados pelo professor suprem ou não as dificuldades na aprendizagem do leitor participante de uma sociedade que faz uso da leitura.

3.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A leitura de um texto seja ele escrito; seja oral tende a ser um ato de comunicação. Onde interlocutores comunicaram-se entre si em situações diárias de interação. Diante disto, partimos, então, da necessidade de ensinar nossos leitores a dominarem o ato de ler, todos os tipos de textos em circulação na sociedade. A maior necessidade está em saber que para diferentes eventos existem diferentes tipos de texto. Por exemplo, quando uma criança de sete anos está num ponto de ônibus ao lado de seus pais, naquela avenida passa diversos meios de transporte. Entretanto, nem todos farão o percurso até sua casa. Esta criança sentirá a necessidade de fazer uso do ato de comunicação. Assim, quando ela avistar o próximo veículo em sua direção o letreiro do ônibus por necessidade precisa fazer sentido. Em outras palavras, o bairro indicado tem que corresponder com o seu endereço. Para tal, a compreensão dos diversos tipos de texto é necessária para que possamos fazer uso da escrita e da leitura[5].

Portanto, conforme Lauriti (2005) devemos trabalhar a leitura e a escrita de forma que sejam desenvolvidas habilidades que favoreçam episódios que fazem parte do contexto real de aprendizagem. Citando, ainda, Lauriti (2005) é primordial trabalhar a diversidade de gêneros, de tipos textuais e de suportes textuais dos diferentes contextos sociais.

3.2 HABILIDADES QUE DEVEM SER DESENVOLVIDAS ANTES DA LEITURA

Ao iniciarmos uma leitura podemos antecipar muitas informações do texto. Para isso, buscaremos o conhecimento prévio do aluno/leitor sobre o assunto para que ele levante hipóteses. Outro ponto bem relevante é o suporte (capa, orelha, título, editora...) o qual através das expectativas geradas com a análise deste suporte trará para a leitura uma antecipação e aproximação a respeito do assunto.

Num livro literário, por exemplo, a antecipação do tema ou idéia principal, a partir dos elementos paratextuais (Títulos, subtítulos, épigrafes, prefácios) auxilia o leitor a compreender o foco do texto lido inicialmente. Assim, ele se atentará em pontos que marcaram a sua antecipação. Realizar um levantamento sobre as antecipações da leitura a partir da análise dos índices anteriores (O que se espera

ao ler este texto?). Ao final, definir os objetivos de leitura, vale ressaltar que o que se pretende é a busca de informações.

Portanto, os passos discutidos acima servem de auxílio para a introdução do texto a ser lido. Porque do que adianta lançarmos nas mãos dos alunos textos, independente do gênero, se estes não possuem uma pré-leitura.

3.3 PRÁTICA DOCENTE – FORMAÇÃO DE LEITOR

Antes de adentrarmos a esta pragmática, teceremos, aqui, um tópico que com certeza, ainda, desperta muita curiosidade, por se tratar de um assunto novo entre os atuais e antigos docentes; a importância da paixão. Falamos de uma paixão sobre a maneira como se leciona e a forma como isto é compartilhado.

É preciso paixão para que o professor, mago das descobertas e repositório do ontem, entenda-se como ponte abraçando, segundo a inclinação do seu sonho, as brancas cabeças de um logos distante e os encaracolados fios adolescentes das cabeças que agora despertam. Um entremeado de paixão - alicerce, paixão – persistência, paixão êxtase, paixão – fantasmagoria-de-ideal. Portanto, um mediador na aquisição da linguagem. Um educador que será capaz de ajudá-los a “compreender a realidade, expressar a realidade e expressar-se, descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança da realidade”. Assim, ler e escrever, desta forma deixará de ser mecânicos atos, mas sim um ato de liberdade. “Ler é compreender a vida e apreender a sua obscura linguagem” (Purchkine). E para isto, é preciso paixão.

Há (poucas) escolas que adotam a prática de “roda da leitura” que consiste em cada aluno de uma mesma sala de aula adquira um livro e após o término da leitura de um, vá trocando de livro com os demais colegas de classe para ao final do ano letivo terem lido no mínimo uns 30 livros. O interessante, a princípio, é não cobrar nenhuma atividade do aluno até fazer com que eles adquiram o gosto da leitura pela leitura, somente discutir o que cada um achou da obra lida, o que chamou sua atenção, se gostou ou não e ainda o que aprendeu com ela.

Com a prática de leitura constante, na escola, daí sim trabalhar a interpretação, contexto histórico, a construção dos sentidos, as técnicas que deverão seguir ao ler, para aperfeiçoar o olhar crítico e analítico do aluno durante uma leitura. Com esse conhecimento literário a leitura será muito mais fácil e prazerosa, visto que o texto só tem sentido com a relação estabelecida entre leitor, autor e sociedade.

A leitura só tem fundamento quando o indivíduo está aberto ao aprendizado, pois quando se acredita que já se sabe tudo, ela perde sua importância significativa em relação à leitura do mundo.

Acredita-se que a análise literária na escola pode tirar a beleza e a magia do texto. Deveríamos somente encantar-nos com ele, mas isso poderia distanciar-nos da literatura pois pareceria-nos inacessível, inatingível. Mas a "análise literária, quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e penetre com mais intensidade" (Cosson, 2006, p.29). A leitura nos convida a interagir com o leitor e a obra, deixando com que preenchamos suas lacunas. A escola deve ensinar aprender a ler, aprender a aprender.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Estudos de Caso

Esta Pesquisa teve como metodologia o Estudo de Caso, por apresentar um procedimento bastante objetivo que auxiliou na coleta de dados e também por ser o mais adequado quando se tem apenas um objeto de pesquisa selecionado.

Compreende-se por estudo de caso: *“uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados.”* (GIL, apud: Matos, 2001.)

O estudo de caso vem a possibilitar uma maior facilidade operacional, e isso faz com que essa modalidade de pesquisa seja uma das mais utilizadas pelos investigadores, pois com um único objeto de pesquisa é possível obter grandes quantidades de informações. *“Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos.”* (ROESE, apud Matos, 2001).

Destarte, entende-se que a escolha pelo Estudo de Caso foi a melhor possível, tendo em vista que garante as informações necessárias, a partir de uma amostragem reduzida, economizando custo e tempo proporcionando uma análise profunda do tema.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES

Para a realização desta pesquisa, a mesma contou com a colaboração de 05 professores, sendo 03 com graduação e 02 com o curso Normal Médio (pedagógico). Com relação ao tempo de atuação no magistério pude constatar que varia entre 20 e 27 anos de atuação, com os professores, a coleta de informações foi bastante tranquila, onde todos se dispuseram a responder as questões.

Na primeira questão, foi perguntado o que é considerado necessário para que seja dada uma boa aula de leitura? Todos responderam que o que se faz necessário é uma grande variação de textos que prendam a atenção dos alunos.

A segunda questão perguntou: Como você planeja suas aulas de leitura? Referente a essa questão, todos relataram a importância de se trabalhar com projetos, não se prendendo ao livro didático.

O último questionamento se referiu aos tipos de materiais utilizados nas aulas de leitura, e mais uma vez a resposta foi unânime, todos relataram que para despertar nos alunos o hábito da leitura eles utilizam livros paradidáticos, histórias em quadrinho, receitas, músicas, jornais, revistas, ledas, fábulas, poemas, poesias, paródias e jograis.

Em análise feita aos dados coletados frente as respostas dos professores, pôde-se perceber que existe uma tendência em formar leitores consciente e capazes de compreenderem os mais diversificados tipos de textos, essa é uma prática que exige muito da postura do educador, uma vez que os educandos não tem um contato com sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS

Através de uma pesquisa realizada com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental com a faixa etária de nove a quatorze anos, de uma instituição pública de ensino, pôde-se verificar quais são os principais questionamentos, dúvidas e curiosidades das crianças no tocante à sexualidade, nessa faixa etária. Os alunos responderam perguntas, dispensando-se identificação, estas dificultaram a análise devido a ilegibilidade da escrita, muito embora as respostas foram curtas e diretas, o que me leva a perceber uma grande dificuldade na parte de interpretação. Foram realizadas 05 perguntas onde mostraram que as crianças desejam ter suas dúvidas sanadas. Percebe-se a consequência da repressão sexual no comportamento infantil.

A primeira questão referia-se ao gosto do aluno pela leitura, a maior parte respondeu que sim e que dependia muito do texto, outros falaram que só lêem porque os professores mandam.

A segunda questão perguntava sobre a importância do cidadão, todos responderam que acham o tema muito importante, mas esse tema ainda não despertou um gosto maior pela leitura. Diante o exposto foi verificado que a maioria dos alunos tem consciência de quanto é importante a leitura no meio social, mas falta-lhes um incentivo maior por parte da escola e da família para que esses adquiram um interesse maior pela leitura.

A terceira questão perguntou sobre a preguiça de ler, e todos mais uma vez foram unânimes, dizendo que sim e que quando é para fins gramaticais principalmente.

A quarta pergunta foi sobre as principais dificuldades encontradas na hora da leitura e a resposta mais uma vez foi igual para todos a falta de opções para ler, ou seja, os livros existentes na escola não são interessantes o suficiente para despertarem nos alunos um certo interesse.

A quinta questão perguntou sobre o que eles mais gostam de ler, e mais uma vez todos deram a mesma resposta, que preferem histórias infantis, pois os levam ao mundo da fantasia.

Analisando as respostas obtidas nas entrevistas é possível respaldar que o processo de leitura é ainda um dos graves problemas enfrentados por educadores do nosso país.

Nessa concepção há muito que aprender para fazer com que nos próximos anos, nossa escola e sociedade aprendam que a leitura é um grande meio de transformação social.

3.4 ANÁLISE DA REGÊNCIA

Antes de iniciar o processo de estágio, realizei uma primeira visita a escola. Nessa visita mantive contato com os professores e muitas idéias a respeito da escola forma sendo formada à medida que se identificava os mais diversos aspectos do ambiente escola.

Na primeira visita foi realizada uma conversa informal com o gestor e com a professora regente da turma na qual iria realizar os trabalhos de estágio, pois seria preciso uma observação das atividades em sala. Em nenhum momento foi observado uma falta de interesse e a imposição de obstáculos por parte do gestor e o que é melhor, a professora foi super receptiva e atenciosa comigo.

No que se diz respeito ao ambiente escolar, o que foi verificado foi que a mesma é bem vista por toda a comunidade, haja vista que a mesma realiza seus trabalhos em conjunto com a comunidade, o que só tem a contribuir para um eficiente trabalho de formação dos alunos.

Com relação aos membros da escola, faz-se necessário lembrar que existem divergências, mas todos buscam conviver de forma de forma passiva, já que é um ambiente de várias personalidades se encontram deve ser bem passivo.

A escola convive também com críticas por parte dos pais dos alunos, que em sua maioria não possui formação e não valorizam as atividades realizadas pela a escola. Surgem muitas críticas com relação a participação do corpo discente nos eventos realizados pela mesma, ignorando qualquer manifestação cultural estabelecido pela comunidade escolar.

Como é de esperar, a escola apresenta-se como uma unidade escolar que caminha sozinha e sabe como solucionar problemas surgidos, sempre buscando um melhor para todos que fazem parte dela, corpo docente discente e pais de alunos.

Como toda comunidade escolar, a mesma é composta de grupos originários das mais diversas camadas da sociedade. Sendo seu corpo discente a maioria das classes baixa das zonas rurais e urbanas.

Ao final de toda visita a escola, iniciei o meu estágio em uma turma do 3º ano no turno da tarde na referida escola.

Na primeira semana foram trabalhados diversas fábulas, eles ficaram entusiasmados e bastante interessados com a idéia. O objetivo de se trabalhar com as fábulas era o de atrair os mesmos para serem inseridas as atividades de leitura. A idéia deu bastante certo, de início eles realizavam a leitura da fábula, depois iniciava-se uma discussão acerca dos ensinamentos implícitos nela. As fábulas trabalhadas foram;

- O leão e o rato;
- A cigarra e a formiga;
- A formiguinha e a neve

Continuando com as atividades do estágio realizou-se um festival de fábulas. As fábulas foram trazidas para a sala de aula pelos próprios alunos. Foi tudo muito gratificante, pois eles tiveram o trabalho e o interesse em procurar, selecionar apresentar a escolha e depois construir um varal na sala.

O resultado do trabalho foi muito gratificante, pois o trabalho com as fábulas foi um sucesso, pois além de alcançar os objetivos pretendidos, outros benefícios

forma identificados, tais como: incremento na capacidade de interpretação, a implementação da comunicação, o desenvolvimento do raciocínio, entre outros.

Seguem-se os trabalhos fazendo uso de textos comuns do cotidiano, ou seja, cardápios, capa e contracapa de fita de vídeo, receitas culinárias com rótulos e embalagens de produtos. O objetivo principal era despertar os alunos para o fato de que estes elementos de informações importantes e que muitas vezes não reconhecemos seu valor. As embalagens, por exemplo, trazem informações nutricionais que são de fundamental importância para a nossa saúde.

Pelo que pode ser visto, todo esse plano buscou desenvolver um diálogo, levando sempre em consideração o conhecimento prévio do alunado, sem deixar de aprofundar este saber tornando o conhecimento sistematizado, através de esclarecimentos feitos posteriormente a fala de cada um dos educandos.

Nesta perspectiva, tal concepção de aprendizagem busca compreender o conhecimento que o educando já traz consigo, uma vez que "a leitura de mundo precede a leitura da palavra".(FREIRE, 2000,p.29).

É notório que um aspecto riquíssimo desta aula se refere também a questão da oralidade nos educandos, uma vez que cada um deles se dispôs a falar sobre o que era pertinente naquele momento, ficando assim evidenciado todo um trabalho interdisciplinar.

Trabalhando com materiais concretos, nota-se que os alunos se sentem mais seguros expor seus conhecimentos e dúvidas. Isto foi de uma extrema importância para introduzir os temas a serem trabalhados.

Nas aulas de matemática utilizei o material dourado, nota-se que os educandos se sentem bem mais seguros para manuseá-los, sabendo perfeitamente a importância para introduzir a idéia de divisão, procurando interagir com eles ao interrogá-los como se faria a divisão de alguns números utilizando este material, a partir disso, alguns alunos iam mostrando por meio das peças do material dourado como se faria tais divisões.

Dando prosseguimento aos trabalhos de estágio, continuei trabalhando textos do cotidiano, os textos foram trabalhados de maneira bem diversificada, as aulas eram iniciadas com uma conversa bem informal de modo a descontrair um pouco, as vezes com as cadeiras em círculo outras vezes em rodas onde os alunos sentavam no chão de modo que eles se sentissem bem a vontade. A cada aula, uma metodologia diferente, com discussões, leituras, tarefas em sala, exposição oral, montagens de painéis, apresentações entre outras.

A utilização deste material possibilitou que os educandos tivessem a oportunidade de refletirem a cerca do tema em estudo de forma ativa e participativa. Assim, o material permitiu que os alunos descobrissem tanto o conceito quanto algumas características pertinentes ao conteúdo.

Assim é pertinente deixar claro que o uso desse material concreto tornou-se eficiente e significativo na construção da aprendizagem de cada um, na medida em que houve a utilização de alternativas que deram a aula proposta, como cartazes, transparências, painéis, jornais, receitas e outros.

Sempre buscando fixar os conhecimentos, eram realizadas atividades lúdicas e de produção textual, sempre explicando aos educandos a importância de se levar

a sério o conteúdo apresentado. E finalmente realizam-se atividades no caderno para verificação da aprendizagem, interagindo e corrigindo junto com os alunos.

Evidente que o desenvolvimento dessas metodologias em alguns momentos tornava-se um pouco difícil, talvez pelo grande número de informação, ou até mesmo pelo fato deles não estarem habituados a trabalhar o tema, no entanto mostrou-se possível e tornou a aprendizagem bem mais interessante, haja vista que desta forma os educandos são levados a construir o conhecimento e agir de forma crítica e participativa.

Em outro momento do estágio, trabalhou-se com o conhecimento de jornais, manchetes, notícias e anúncio e também letras de músicas. A idéia principal foi mostrar a importância da leitura cotidiana como fonte de prazer e conhecimento, estimulando o senso crítico, reflexivo e a expressão oral das crianças.

Com relação aos anúncios de jornais, levaram os alunos a lerem aquilo que eles não tinham costuma e que são importantes. Vale ressaltar que muitos relataram que nos jornais só havia notícias chatas, mas agora compreenderam que os jornais trazem todo tipo de leitura e muita informação.

Além das aulas de Língua Portuguesa e Matemática, trabalhou-se também de forma interdisciplinar Ciências, História e Geografia sempre com textos contendo informações implícitas, levando os alunos a interpretar aquilo que lêem. No decorrer das semanas, outros conteúdos iam sendo introduzidos.

Nas semanas seguintes outros conteúdos foram introduzidos, como o texto "Aninha e João", que teve como objetivo evidenciar as diferenças entre os papéis sexuais do homem e da mulher dentro do nosso contexto cultural, assim relacionou-se características típicas do comportamento masculino e feminino na sociedade de

ontem e de hoje. Para uma maior fixação da aprendizagem foi trabalhada a dinâmica da caixinha "diferentes papéis".

Em contra partida, a grande maioria da turma ficou feliz e motivada após a dinâmica, conseguindo caracterizar os tipos de comportamento masculino e feminino, contando com minha colaboração para esclarecer dúvidas que ia surgindo. É evidente que uns demonstravam mais interesse do que outros e por isso uns terminavam antes que os demais, claro que isso é justificado devido a heterogeneidade da turma.

Dando prosseguimento aos trabalhos foram utilizados materiais contraceptivos como, camisinha masculina e feminina e anticoncepcional, todos com o objetivo ressaltar a importância de cada um e também prevenir graves problemas futuros como uma gravidez indesejada e também doenças transmitidas por relação sexual, sempre trabalhando em equipe de modo a levar os alunos a trabalhar dessa maneira respeitando a opinião do outro acerca do tema em questão

Durante todo o estágio, nas aulas anteriores, sempre busquei de diversas que todos os educandos interagissem e participassem das aulas, no entanto alguns alunos se mostravam mais tímidos do que os outros, mas mesmo com a timidez todos se mostraram interessados e participativos em todas as aulas.

Durante todas as atividades, foram verificadas algumas dificuldades apresentadas pelos alunos em tratar da questão leitura e compreensão em relação aquilo que lêem, haja vista que, muitos não apresentam o hábito da leitura e só lêem porque a escola impõe.

Se aproximando o final do estágio foi observada a importância dos alunos pois, estes são sujeitos construtores do seu próprio conhecimento, ao trabalhar

questões que estão no seu dia-a-dia, sendo trabalhado a questão da leitura, da escrita entre outros. Foi solicitado aos educandos que eles produzissem um relatório contendo temas importantes considerado por eles, levando em consideração a prática da leitura e da escrita cotidiana como fonte de prazer e conhecimento, estimulando o senso crítico e reflexivo. E assim foram todas as aulas, tendo como base o diálogo, e assim chegou ao fim do período de estágio, um período bem gratificante, pois pude ver nos olhinhos de cada um que de alguma forma as aulas ajudaram a esclarecer dúvidas e incertezas que até então borbulhava nas cabecinhas daqueles pré-adolescentes cheios de expectativas e vontade de aprender a apreender a importância da leitura.

Ao final de tudo, ficou verificado que a experiência do estágio é inexplicável, sendo fonte de riqueza de uma prática futura, e que exige um planejamento cauteloso e bem objetivo, tendo a escola uma ponte de ligação entre aluno, professor e estagiário, e a mesma deve estar sempre aberta a utilizar novas práticas que estimulem os alunos, favoreçam a aprendizagem e motivem ao professor a entrar em sala, e isso vem sem dúvida com o estagiário que está sempre buscando novas formas de ministrar as suas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho desenvolvido mostrou em sua composição diversos conceitos teóricos sobre a leitura, a sua importância. Vimos às concepções de língua, sujeito, texto e sentido. Entendendo cada parte, uma vez que todas elas relacionam-se entre si.

O grau de letramento que o leitor deve possuir. Como é necessário saber fazer uso de todos os tipos de textos presentes na sociedade. Apreendemos a diferenciar o alfabetizado do letrado; o letramento da alfabetização. Porque, ser letrado não significa apenas saber ler e escrever é preciso saber fazer uso, ou seja, ser capaz de exercer as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, além de conjugá-las com as práticas sociais de interação oral.

Um entremeado de visões de mundo, discutimos a necessidade de valorizar o conhecimento internalizado do leitor. A sua participação na leitura, a importância em propiciar oportunidades concretas de criação de significado, pois uma leitura sempre será subjetiva e pessoal; mesmo que ela seja coletiva.

Desse modo, levantamos em questão como é trabalhada a leitura dentro da sala de aula, através da pesquisa realizada pela PUC/RS[15], entendemos melhor a função do livro didático nas aulas de leitura. No entanto, observamos algumas falhas por práticas ineficientes e que continuam naquele ensino tradicional e moralista. Ensino onde somente o professor é dominador do saber, além de que o livro didático também recebe este título. Pois é tido como o único possuidor do saber e isento de qualquer falha. Um roteiro que possui verdades absolutas.

A partir daí, com os fundamentos de alguns especialistas da área de lingüística em leitura e ensino, tivemos a noção de como deve ser trabalhada a leitura. O processo de leitura em si, quais habilidades deveria ser desenvolvida antes, durante e depois da leitura. Além de estratégias que motivassem o interesse do aluno/leitor para a leitura de diversos gêneros textuais. Consagrando-os cada um em sua importância distinta. Ou seja, todos nós fazemos uso da escrita e da leitura no nosso cotidiano.

Ainda observando a leitura do texto na sala de aula, analisamos de forma isolada o papel do professor como mediador entre o leitor e o texto. Qual era sua

participação, o que os alunos/leitores esperam dele. Disto isto, entre os estudiosos consultados é unânime a afirmação: “É preciso paixão”, O professor deve ser o exemplo de leitor para seus alunos/leitores. Assim, partiremos da seguinte ideologia a formação de um leitor eficiente somente findara-se ao levarmo-lo a sentir prazer por esta atividade.

No entanto, diferente do que esperávamos a leitura em sua maioria é algo imposto, as chamadas “leituras obrigatórias” para posteriormente ser solicitada uma avaliação em que nada favorecerá para a compreensão do aluno. Porque, este leitor, cumprirá unicamente o que a atividade quer/solicita e não fará a apropriação do seu significado. Por isso, foi ressaltada a magnificência das rodas de leituras. Entretanto, em sua maioria as escolas não fazem uso desta estratégia de motivação. Perdendo, com isso, a oportunidade de formar leitores que leram mais textos, gradativamente.

Concluindo, para evidenciar todos os temas levantados foi realizada uma análise em um livro didático, na disciplina de Língua Portuguesa. O livro escolhido é “Leitura do Mundo”, das autoras Lúcia Teixeira & Norma Discini, data de publicação 2003, ambas as lingüistas são profissionais que atuaram no ensino aplicando a leitura e hoje são responsáveis cada uma em sua respectiva área de atuação em propagar com o mesmo interesse, a leitura.

Citando ainda a análise, houve-se a preocupação em perceber se todos os fundamentos descritos atendiam a formação do leitor. A análise buscava saber se as autoras propiciavam e qual era a maneira que as estratégias de leitura eram postas aos leitores. Ambas as estratégias de leitura, nomeadas de: antecipação (hipótese), inferência, auto-regulação e autocorreção foram de fato atendidas e valorizadas. No entanto, não houve uma identificação clara para as estratégias de leitura após a leitura do texto escolhido. Porém, vale ressaltar que um ponto que mereceu destaque na análise foi a utilização de textos que não ficam presos a leitura de textos gráficos. Por exemplo, as autoras escolheram para a leitura inicial da unidade I a leitura de um quadro, uma obra de arte. Contudo, a leitura de textos literários permaneceu na leitura de pequenos excertos retirados da obra original. Perfazendo o tradicionalismo trabalho de leitura.

ANEXO

Questionário de Entrevista aos professores

- 1 – O que é necessário para que seja dada uma boa aula de leitura?
- 2 – Como você planeja as aulas de leitura?
- 3 – Quais as dificuldades encontradas por você nas aulas de leitura?
- 4 – O que é mais importante no processo de leitura dos alunos na sua opinião?
- 5 – Como é realizada a avaliação dos alunos?
- 6 – Que materiais você utiliza para expõe suas aulas de leitura?
- 7 – O que impede a prática da leitura pelos educandos?

Questionário de Entrevista aos alunos

1 – Você gosta de ler?

2 – Você gosta quando a professora trabalha o tema cidadão e cidadania?

3 – Você tem preguiça de ler?

4 – Quais dificuldades você encontra na hora da leitura?

5 – O que você mais gosta de ler?

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: Literatura e Leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2005.

BARDIN L., **"Análise de Conteúdo"**, Edições 70 Ltda., RJ, Brasil, 1977.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FÁVERO, LL. **Oralidade Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2005.

GERALDI, João Wanderly (org). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Ática, 2006.

_____. **"O professor como leitor do texto do aluno"**. In: MARTINS, M.H. (org). **Questões**

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

KOCH, I.G.V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa e ZIBERMAN, Regina. **Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

MARIA, de Luzia. **Leitura e Colheita: Livros Leitura e formação de leitores**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOAERES, Marina Célia. **Silenciamentos Produzidos em Questões de Leitura**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP – IEL: 1995.